

HANNAH GRACE

FOGO SELVAGEM  
*WILDFIRE*

Série Maple Hills

Tradução de  
RITA CANAS MENDES

Hannah Grace é também autora de *Quebrar o Gelo – Icebreaker*,  
publicado pela Bertrand.



BERTRAND EDITORA  
Lisboa 2023

# Playlist

|                                                                         |       |
|-------------------------------------------------------------------------|-------|
| «SPARKS FLY» (TAYLOR'S VERSION)   TAYLOR SWIFT                          | 04:20 |
| «WILDFIRE»   SEAFRET                                                    | 03:43 |
| «MOONLIGHT»   ARIANA GRANDE                                             | 03:22 |
| «ALONE WITH YOU»   ALINA BARAZ                                          | 03:45 |
| «CHRONICALLY CAUTIOUS»   BRADEN BALES                                   | 01:59 |
| «BEST PART» (FEAT. H.E.R.)   DANIEL CAESAR                              | 03:29 |
| «SWEAT»   ZAYN                                                          | 03:52 |
| «NAKED — BONUS TRACK»   ELLA MAI                                        | 03:17 |
| «LATE NIGHT TALKING»   HARRY STYLES                                     | 02:57 |
| «HARD TO LOVE»   BLACKPINK                                              | 02:42 |
| «PEACE»   TAYLOR SWIFT                                                  | 03:53 |
| «YOU»   MILEY CYRUS                                                     | 02:59 |
| «NONSENSE»   SABRINA CARPENTER                                          | 02:43 |
| «SLEEPING WITH MY FRIENDS»   GAYLE                                      | 02:48 |
| «PRETTY PLEASE»   DUA LIPA                                              | 03:14 |
| «DID YOU KNOW THAT THERE'S<br>A TUNNEL UNDER OCEAN BLVD»   LANA DEL RAY | 04:44 |
| «WHILE WE'RE YOUNG»   JHENÉ AIKO                                        | 03:56 |
| «BIGGEST FAN»   MADDIE ZAHM                                             | 03:01 |
| «THE ONLY EXCEPTION»   PARAMORE                                         | 04:27 |
| «EVERYTHING»   LABRINTH                                                 | 02:15 |

# Capítulo Um

RUSS

Do lado oposto da sala, os olhos do Henry observam-me fixamente.

— O teu verão vai ser uma porcaria.

Há um eco de gargalhadas por parte dos meus colegas de equipa, com as mais altas a virem do Mattie, do Bobby e do Kris, que já me disseram algo parecido quando recusei a proposta de me juntar a eles em Miami, neste verão.

— Palavras inspiradoras, Turner — respondo ao meu colega de casa, que se mantém indiferente. — Devias tornar-te orador motivacional.

— Vais arrepender-te de não me teres dado ouvidos, quando te vires obrigado a fazer trabalho de braços e atividades de *team building* na formação dos monitores, na próxima semana. — O Henry continua a folhear a brochura de Honey Acres, ficando com a testa cada vez mais franzida à medida que vai lendo. — O que é isto do turno da noite?

— Duas vezes por semana, tenho de dormir num quarto anexo à cabana dos campistas, para o caso de precisarem de alguma coisa — respondo com tranquilidade, vendo os olhos do Henry arregalarem-se, tal o horror. — Durante o resto do tempo, durmo na minha própria cabana.

— Quanto a mim, não, obrigado — diz ele, atirando a brochura novamente para a mesa de centro. — Mas boa sorte com isso.

— Podia ser pior — diz o Robbie, contemplativo, do outro lado da sala. — Ele podia ter de se mudar para o Canadá, neste verão.

O Nate solta um queixume, enterra a cabeça no cabelo da namorada e afunda-se ainda mais no cadeirão reclinável que os dois partilham, dizendo:

— Vai-te lixar, tu e mais a merda do Canadá.

— A culpa disto é tua — resmunga a Stassie, suficientemente alto para todos nós ouvirmos. — Pára de fazer birra. Tu queres jogar pelo Vancouver, Nate.

— Prefiro mudar-me para o Canadá a tomar conta de vinte crianças durante nove semanas. — A repulsa genuína na cara do Henry levaria alguém a pensar que vou trabalhar num matadouro, e não passar o verão como monitor numa colónia de férias. — Não pensaste nada bem no assunto, Callaghan.

Pensei, sim.

Os principais clientes de Honey Acres são pais ricos e ocupados que precisam de manter os seus filhos entretidos durante todo o verão, enquanto eles trabalham. A mensalidade é cara como tudo, o que significa que as instalações são melhores do que as dos outros campos de férias que vi. E, tendo em conta o trabalho que dá manter várias crianças sob controlo, até pagam bem, e tenho vários dias de folga. Algo que é um luxo e que não acontece, de todo, na maior parte das colónias de verão.

O Kris e o Bobby sugeriram que me candidatasse, depois de eu ter recusado a sua proposta de férias explicando-lhes que precisava de arranjar um emprego. Ambos passaram um verão em Honey Acres, há dez anos, e juraram que era o melhor campo de férias da Califórnia, e eu estava disposto a candidatar-me a qualquer coisa. O dinheiro tem escasseado, desde que a bófia fechou o bar onde eu trabalhava. Infelizmente, a sua fama de praticar atividades ilícitas e de servir bebidas a estudantes menores acabou por ditar o seu fim, e não há sinais de reabertura.

Por isso, embora o Henry ache que me falta discernimento, a alternativa é vaguear por Maple Hills, desempregado, com a minha mãe a chatear-me para que a visite.

Foi uma escolha muito fácil.

— O que eu estou a ouvir, Hen, é que continuas a não querer vir comigo — digo eu, para provocar.

— O meu *não* mantém-se. Obrigado. Mas se precisares de que invente uma emergência para te poderes vir embora, avisa-me. Eu faço um telefonema.

O JJ, sentado ao lado do Henry no sofá, inclina-se mais para ele e dá-lhe um pequeno empurrão com o ombro, dizendo:

— A única emergência que vais ter nos próximos dois anos, capitão, é afogares-te num mar de c...

— JJ! — guincha a Stassie, interrompendo-o.

— Não leves as coisas para a braguilha — repreende-a ele. — Eu ia dizer conchas.

A Stassie revira os olhos e mostra-lhe o dedo do meio, enquanto ele lhe sopra um beijo. Baixando a mão, volta a sua atenção para mim, com um sorriso amável nos lábios.

— Vais divertir-te, não ligues ao Henry. Mas vamos sentir a tua falta por aqui.

— Já nem sequer moras aqui — diz o Mattie, arqueando uma sobrancelha.

— E tu nunca moraste aqui! — contrapõe ela, dando início a uma discussão sobre quem passa mais tempo nesta casa.

Por muito grato que esteja por ter emprego neste verão, reconheço que é uma bosta ir-me embora quando ainda agora comecei a morar com o Henry e o Robbie. Além dos nossos colegas de casa não oficiais, o Mattie, o Bobby e o Kris, que aparecem como que por magia sempre que se fala em comida.

É estranho ter o meu próprio quarto, ao fim de dois anos a partilhar o dormitório na república de estudantes e, antes disso, a dividir o quarto com o meu irmão, Ethan; mas, em pouco tempo, já me sinto muito mais feliz aqui.

Além das coisas óbvias, como ter o meu próprio espaço e viver com pessoas de quem gosto, é bom não ter de planear estrategicamente quando me posso masturbar ou, em ocasiões raras, dar uma queca. O Henry teve a gentileza de me informar de que, depois de seis meses a viver paredes-meias com o Nate e a Stassie, já pôde confirmar que o quarto não é à prova de som.

— Vocês os dois vão passar a tarde a discutir ou vamos antes tratar dos preparativos para a festa? — grita o Robbie, por cima da discussão entre a Stassie e o Mattie.

Esta noite vamos dar uma festa de despedida em honra da malta que acabou o curso, ou uma festa de «adeus e põe-te a andar», como lhe chama o Robbie. Ele vai continuar em Maple Hills, para tirar o mestrado, e está feliz por poder manter o título oficial de organizador de festas.

Dito isto, ninguém parece especialmente entusiasmado com a preparação da casa para a multidão de estudantes de Maple Hills que nos vai invadir daqui a poucas horas. Sei que, para os rapazes, isto parece o fim de uma era; quatro anos é muito tempo de convívio diário. Para o Nate e o Robbie, esse período é ainda maior; eles nunca viveram em cidades diferentes, quanto mais em países diferentes.

Para mim, parece o início de um novo capítulo. Juntei-me a uma república de estudantes no início da universidade porque queria uma família que não me desiludisse, ao contrário da minha. Achei que os meus colegas da república estariam ao meu lado nos bons e nos maus momentos, que finalmente teria pessoas em quem pudesse confiar, mas não foi isso que aconteceu. Pressenti que havia cometido um erro no primeiro ano do curso, mas mantive-me lá, achando que demoraria algum tempo até sentir que os meus colegas eram família. Mas confirmei que tinha cometido um erro quando, no início do ano, aconteceu aquela merda toda com o rinque e as únicas pessoas que me apoiaram são as que estão nesta sala.

Foi a pior altura da minha vida, o que não é dizer pouco, e eu estava a reprimir a imensa vergonha que sentia. Depois, um dia, o Henry perguntou-me se eu estava bem, e respondi que estava ótimo. Julguei que isso pusesse um ponto final na conversa, mas ele disse-me que sabia que eu estava a mentir e que voltaria ao assunto quando eu estivesse pronto para falar. Todas as semanas tínhamos a mesma conversa, até que me cruzei com ele nas férias de Natal.

Tentei passar o período das festas em casa dos meus pais, mas não me aguentei mais de vinte e quatro horas. As tretas incoerentes do meu pai, bêbedo, depois de ter perdido dinheiro no casino, e a incapacidade quase profissional da minha mãe de o responsabilizar pelas suas ações

fizeram-me regressar ao *campus*. O Henry ia a caminho da casa dos jogadores de hóquei, para ir buscar o seu material de pintura, e, quando me viu, perguntou-me se eu estava bem. Pela primeira vez, respondi-lhe que não.

Depois de anos sem conseguir falar a mais ninguém do vício do meu pai, por me sentir cheio de vergonha e zanga, veio tudo ao de cima, quase como um vômito de palavras. Nem o treinador Faulkner nem o Nate conhecem por inteiro aquilo por que passo em casa, mas contei as merdas todas ao Henry.

Ele ali ficou, com uma tela debaixo do braço, a ouvir.

Quando acabei, senti que me tinha saído uma tonelada de cima dos ombros. O Henry perguntou-me se eu queria ir comer umas asas de frango ao Kenny's e passar tempo com ele nas férias. Não me fez perguntas, não me deu conselhos, não me julgou. Foi por isso que aceitei logo quando me perguntou se queria partilhar casa com ele e com o Robbie.

A sala transformou-se num caos, como acontece sempre que estamos todos juntos, com várias conversas a sobrepor-se, cada uma mais alta do que a outra. As pessoas tomam os meus silêncios por timidez, mas não sou tímido. Acho que nem sequer sou assim tão calado, só que, como os outros são muito barulhentos, pareço ser. Prefiro ficar sentado a ouvir, em vez de estar na ribalta, ao contrário dos meus colegas de equipa. Há demasiada pressão para se ser o centro das atenções, demasiadas oportunidades para lixar tudo. Sou muito mais feliz como observador, a assistir às coisas a partir de fora.

Vou à cozinha e tiro uma garrafa de água do frigorífico, e tiro mais uma, quando sinto alguém atrás de mim.

— Estás pronto para a tua primeira festa oficial? — diz o JJ, aceitando a garrafa que lhe estendo.

Ambos nos debruçamos sobre a bancada da cozinha, olhando para a sala de estar.

— Acho que sim. Não irritar o Robbie é a única regra, certo?

O JJ ri-se, enquanto desenrosca a tampa da sua garrafa.

— Pois, só que esse é o meu passatempo favorito. Mas depende do quanto quisermos ser pressionados na época seguinte.

— Vou fazer por continuar nas suas boas graças.

— Já te sentes em casa? — pergunta ele, bebendo um trago.

Passei muito tempo com o JJ nas últimas semanas e constatei que, por detrás da sua máscara de brincalhão, é bastante fraternal. Depois de ter gastado as minhas poupanças numa carrinha velha, há uns meses, tornei-me a empresa de mudanças não oficial de toda a gente, transportando as suas caixas. Foi bom sentir-me útil, e não me incomodou, pelo menos até a Lola ter receado que as suas coisas fossem enviadas acidentalmente para a nova casa do Nate, em Vancouver, e ter desenhado pilas nas caixas que não eram dela nem da Stassie.

Eu e o JJ fomos até à sua casa nova, em San José, com uma carrinha cheia de caixas decoradas, e recebemos olhares de soslaio dos outros condutores ao longo de toda a viagem. Aprende-se muito sobre uma pessoa quando se partilha com ela um espaço confinado durante dez horas. Ironicamente, o JJ disse, no gozo, que eu não revelo quase nada sobre mim.

— Aos poucos, chego lá — admito. — É uma grande mudança em relação àquilo a que estou habituado.

— Lembra-te, o teu lugar é aqui. Todos te querem por perto, percebes isso? — diz ele, em voz baixa.

Nunca expressei as minhas inseguranças a nenhum dos rapazes, mas o JJ já percebeu que me mantenho à margem das coisas. Certa vez, disse-lhe que ele era perspicaz, e ele respondeu que era por ser Escorpião. Seja lá o que isso signifique.

Em todo o caso, valorizo o que ele acaba de dizer e, pela primeira vez em muito tempo, sinto-me compreendido. O que é um sentimento estranho de aceitar, já que na maior parte do tempo não me compreendo a mim próprio.

— Percebo — confirmo. Ele dá-me uma palmada no ombro, antes de voltar para o seu lugar na sala. Sigo-o devagar e atiro-me para o lugar junto ao Henry.

O Robbie bate palmas uma vez, dando-nos a todos *flashbacks* dos treinos de hóquei, e, instintivamente, voltamos a nossa atenção para ele, como cães bem treinados.

— És mesmo um miniFaulkner. Caramba — resmunga o Nate, remexendo-se com desconforto no seu lugar.

— Agora até me encolho quando oiço aplausos, sabiam? — acrescenta o Bobby. — Acho que é uma reação a um trauma real.



— Oiço esse bater de palmas quando estou sozinho — diz o Mattie, acenando com a cabeça em sinal de solidariedade.

— Não — ronca o Joe. — Esse som vem do Kris, no quarto ao lado. Só uma vez. Dá-lhe uma palmada nas nádegas.

O Robbie cicia qualquer coisa entredentes, enquanto o Kris atira uma almofada do sofá ao Joe, que a apanha e a atira de volta, provocando o caos.

— Onde estavam essas capacidades defensivas quando jogavas hóquei, Joe? — pergunta o Henry, apanhando-o desprevenido o tempo suficiente para que uma das almofadas do Kris lhe acerte em cheio na cara.

— Foda-se — resmunga o Robbie. — Não há festa para ninguém se um de vocês acabar lesionado, seus palhaços. Vá lá, uma última vez.

Um silêncio natural instala-se na sala, enquanto todos se preparam, com relutância, para que o Robbie lhes diga o que fazer, e há um momento estranho em que me parece que toda a gente se apercebe de que esta será a última festa que a malta vai dar em conjunto nesta casa.

Estou imerso nos meus pensamentos quando o JJ começa a rir-se e a gritar.

— Cinco paus! Todos vocês me devem cinco paus!

— O quê?

— A Stas está a chorar! — Ele envolve-a com o braço e beija-lhe a cabeça de lado. — E isto ainda antes de ter bebido! Ganhei.

Limpando as lágrimas com as costas das mãos, ela olha em redor, perplexa.

— Vocês fizeram uma aposta sobre mim?

Todos os rapazes pegam nas carteiras e sacam das notas. O Mattie encolhe os ombros, enquanto bate com o dinheiro na palma da mão do JJ, dizendo:

— Tecnicamente, apostámos nas tuas lágrimas.

— Não acredito nisto. Nate, tu sabias? — Ela vira-se para o namorado, que está discretamente a tirar dinheiro do bolso. — És mesmo imbecil! Vocês são todos uns imbecis.

O Nate dá a sua nota de cinco dólares ao JJ e depois puxa-a para um abraço forte, beijando-lhe com carinho a têmpora.

— Nem sequer tentaste aguentar. Eu podia ter-te comprado asas de frango com aquele dinheiro.

— Inacreditável... É que é tão triste. Vocês vão cada um para seu lado, e há uma atmosfera no ar.

— Se eu te dissesse que o Russ não apostou no teu choro hoje, isso fazia-te sentir melhor?

Os seus olhos lacrimejantes encaram os meus, e ela sorri.

— Obrigada, fofinho. Não estás na minha lista de pessoas merdosas.

Faço-lhe um aceno de cabeça, deixando-a pensar que é porque julguei que ela não iria chorar, algo que eu sabia que ia acontecer, em vez de admitir que é porque não faço apostas.

— Alto — interrompe o Henry. — Eu também não apostei. — Como eu, ele sabia que a Stas ia chorar, mas decidiu nunca mais jogar a dinheiro, por solidariedade para comigo.

O JJ ainda está a contar as notas quando a Lola entra, com sacos cheios de copos descartáveis vermelhos. Olha em volta e faz uma careta.

— Ela chorou, não foi?

— Sim — diz a sala em coro.

— Raios, Anastasia. — A Lola larga os sacos no colo do Robbie e inclina-se para o beijar, antes de levar a mão à carteira para tirar algum dinheiro. — Esta é a última vez que ficas com dinheiro meu, Johal.

— Até eu fracassar no hóquei e seguir a minha verdadeira vocação na vida — contrapõe o JJ. — O *striptease*.

— Até esse momento, então.

— Agora que já toda a gente pagou as suas dívidas, podemos finalmente dar início à merda do espetáculo? — resmunga o Robbie.

O silêncio de há pouco regressa, o mesmo pensamento partilhado a passar pela mente dos meus colegas de equipa, um por um. O Nate aclara a garganta, acenando com a cabeça.

— Pela última vez.

A atmosfera incómoda dissipa-se assim que a Lola desata a rir.

— Certo, Alexander Hamilton. E eu é que sou a teatral do grupo, caramba. Bando de divas dramáticas.

## Capítulo Dois

AURORA

Em teoria, não deveria estar aqui neste momento, mas há algo nos jogadores de basquetebol que me faz descontrolar.

Eu disse que não vinha, e a Emilia já está à minha espera na casa dos jogadores de hóquei, por isso não sei por que motivo deixei o raio do Ryan Rothwell convencer-me a mudar de planos e a passar por cá. O que é que têm os rapazes altos, musculados e que são bons com as mãos para me deixarem tão desarmada? É um dos grandes mistérios da vida. Um mistério que metade das miúdas de Maple Hills está a tentar deslindar, a julgar pela multidão nesta festa.

Com vários jogadores da equipa a acabarem o curso, esta será a última festa do ano. Despedi-me do Ryan quatro vezes na última semana e, por muito fixe que ele seja, ambos sabemos que nos vamos afastar. Ele tem o recrutamento da NBA no mês que vem, e não alimento qualquer ilusão de que serei convidada a sentar-me nas bancadas. O que não me impediu de vir até cá apenas porque ele me convidou, o que diz mais sobre mim do que sobre o Ryan.

Estou na minha vida, a beber a minha bebida num sítio calmo da cozinha, enquanto questiono todas as escolhas que alguma vez fiz, quando alguém que eu queria que estivesse a ir-se embora se aproxima de mim, deslizando ao longo do balcão. Os meus olhos reviram-se instintivamente assim que a boca do Mason Wright se abre, mas isso não o impede de me incomodar.

Rouba-me o copo da mão — coisa que sabe que eu detesto — e bebe um gole.

— À procura da tua próxima vítima, Roberts?

Céus, como o odeio.

— Não está na tua hora de ir para a caminha, Wright?

Os seus olhos percorrem-me o corpo de alto a baixo, e sorri, o que quase me faz vomitar.

— Isso é um convite?

Felizmente, não tenho qualquer problema de descontrolo com este jogador de basquetebol em concreto.

— Um convite para te pores a milhas e me deixares em paz? Sim.

Ele dá uma gargalhada, e a mera ideia de encontrar satisfação seja no que for irrita-me. Não sei onde é que foi buscar tanta autoconfiança, mas devia engarrafá-la e vendê-la. Nunca conheci ninguém, especialmente um caloiro, tão arrogante como este rapaz.

Devolvendo-me a bebida, aproxima-se um pouco mais.

— Sabes que armares-te em difícil me excita, certo?

— Não estou a armar-me em nada, Mason. Jamais me conquistarias.

— E então, porquê?

— Além de eu não te suportar? És um caloiro.

— És só quatro meses mais velha do que eu. — As suas sobrancheiras contraem-se de frustração. Que ultraje, uma mulher não cair imediatamente de joelhos diante da sua presença.

— Tu. És. Um. Caloiro — repito.

Ele não consegue acreditar que uma rapariga possa não estar interessada nele. Em parte, porque é muito atraente, mas sobretudo porque o seu excesso de autoconfiança é estratosférico. Ele parece-se mais com uma típica estrela de *rock* do que com um jogador de basquetebol. Alto, cabelo preto, olhos azuis penetrantes e pele pálida, com tatuagens intrincadas a decorarem-lhe os braços e as costas. Suspiro e acabo o que sobra da minha bebida.

— Não gosto de pessoas mais novas do que eu.

— Cuidado, princesa. — Ele contém uma gargalhada com a mão, e eu semicerro os olhos. — Assim, os teus problemas com o papá ficam à vista.

— O único problema que tenho é contigo. — Apetece-me estrangulá-lo, mas, conhecendo o Mason, provavelmente ele acharia que isso eram preliminares. — Já que falamos de papás, como vai o diretor Skinner?

Por muito arrogante que seja o meu archi-inimigo, ele tem um ponto fraco: o pai. Ninguém sabe que ele é filho do diretor desportivo de Maple Hills, e ele quer que as coisas continuem assim, motivo pelo qual usa o apelido da mãe. Seria de pensar que ambos termos problemas com os nossos pais nos ajudaria a criar laços, mas eu e o Mason nunca nos demos bem, e não há a menor hipótese de virmos a desenvolver uma amizade com o tempo. Posso afirmar com segurança que ficarei para sempre pacientemente à espera da sua ruína.

— É bom saber que tu e o Ryan falam sobre mim quando estão enrolados. — O seu sorriso habitual transforma-se de imediato numa carranca, e ele pega na garrafa mais próxima. — Vou mudar-me para o quarto do Ry, ele disse-te? Nem sequer vou mudar o código, para que saibas como entrar.

Este miúdo não sabe mesmo quando deve desistir.

— És mesmo engraçado. Mas, agora a sério, Mason, podes dar o meu número ao teu pai? Acho-o bom com o milho. — Não acho. — E, já agora, quero que me deem um lugar na equipa de basquetebol.

— Oh, vai-te lixar, Aurora — grunhe ele, pousando a garrafa com estrondo no balcão e caminhando a passos rápidos para o jardim.

— Cuidado, princesa! — grito na direção dele. — Assim, os teus problemas com o papá ficam à vista!

Dois braços envolvem-me a cintura por trás, e preparo-me para distribuir murros, até que oiço uma voz grave que me é muito familiar.

— Se o matares e fores para a prisão, não te pago a fiança.

— Ele disse-me que tenho problemas com o papá. — O Ryan parece baralhado quando me volto para o encarar, como se não soubesse bem onde é que esta conversa vai dar. — Só vale quando sou eu a dizê-lo.

Ele acena com a cabeça, compreendendo finalmente.

— Certo. E o que é que lhe disseste para o irritar?

— Pedi-lhe o número de telefone do pai, para me dar um lugar na equipa de basquetebol.

— Rory... — Ele arrasta o «ry», por isso sei que vou ouvir um ralhete. — Tu sabes que isso é para ser segredo. Ele é um anjinho sensível, por baixo daquele número de rapaz rebelde.

Não tenho culpa de o Mason ter uma má relação com o pai. Isso não o torna propriamente especial, e eu nunca usei a palavra «nepotismo».

— Bom, se era segredo, porque é que me contaste?

O Ryan inclina-se e beija-me a testa com ternura.

— Porque sei que o odeias e estava a tentar saltar-te para a cueca.

— Humm. Eu ter-te-ia deixado saltar na mesma.

Deixaria o Ryan Rothwell saltar-me para a cueca em qualquer hora e em qualquer dia.

Na verdade, deixei o Ryan Rothwell saltar-me para a cueca várias vezes. O Ryan é um tipo espetacular, e é provavelmente por isso que não me importo de enfrentar a fúria da Emilia para o ver uma última vez.

As minhas expectativas em relação aos homens são tão baixas que roçam as profundezas do Inferno, mas o Ryan é um dos bons, e a nossa situação de amigos coloridos, nos últimos dois meses, tem sido divertida.

A sua reputação é a de alguém que gosta de diversão sem compromisso, e estou convencida de que a universidade deveria galardoá-lo pelos seus serviços em prol da felicidade das mulheres durante os quatro anos que aqui passou.

Deviam erigir uma estátua em sua honra.

Talvez eu pergunte ao pai do Mason se é possível.

O seu dedo levanta-me o queixo, inclina-me a cabeça para cima e afasta-me dos meus pensamentos.

— Vou ter saudades tuas, Roberts.

Sinto que tenho uma resposta presa na garganta. Algo como: «Também vou sentir a tua falta», ou talvez um simples «obrigada» bastasse, mas nada me sai. Detesto que umas poucas palavras de afeto, um simples gesto de amizade, um sinal de que o tempo que passámos juntos significou algo para ele, sejam suficientes para me deixar atrapalhada.

A nossa relação sempre foi puramente física. Não que ele não tenha tentado que eu ficasse em sua casa depois de nos enrolarmos, mas ouvi-lo a dizer que vai ter saudades minhas sabe bem, ainda que tenha uma dúzia de outras raparigas a quem dizer o mesmo.

Ele suspira, quase como se conseguisse ouvir os meus pensamentos a mil à hora, e puxa-me para um abraço, esfregando o rosto no meu cabelo.

— Vou ter ciúmes do tipo que conseguir ouvir o que se passa na tua cabeça quando tens essa expressão na cara. Trá-lo a um jogo, para que eu possa atirar-lhe uma bola à cabeça.

— Acho que nenhum de nós precisa de se preocupar com essa possibilidade.

Ele ri-se, encostado ao meu cabelo, sem me largar.

— Eu sou apenas uma solução temporária. O tipo com quem se fode imediatamente antes de se conhecer o amor da sua vida.

— Em termos estatísticos, é o que acontecerá se foderes com toda a gente.

— Acredita em mim, Roberts. Eu devia começar a anunciar uma garantia em que devolvo o dinheiro caso isso não aconteça. Terás o teu final feliz.

— Céus, Ryan. Não me deixes comovida quando estou prestes a ir a uma festa de jogadores de hóquei. Já sabes que fico excitada quando estou triste.

Ele ri-se, ao mesmo tempo que, com relutância, desfazemos o abraço e damos um passo atrás.

— Se disseres mais duas vezes que ficas excitada quando estás triste, o Mason vai aparecer do nada, como o Beetlejuice.

Reviro os olhos, enquanto procuro o meu arqui-inimigo, e dou com ele a chatear outra pessoa do outro lado da sala, fora do alcance da nossa conversa.

— Podes levá-lo contigo? Não consigo lidar com ele sem ti.

Ele prende-me o cabelo atrás da orelha.

— Disseste-me que querias mudar, neste verão. Talvez regresSES da colónia de férias e consigas aturá-lo. Terás mais experiência a lidar com crianças.

— Eu disse que queria largar os meus hábitos tóxicos de autosabotagem. Não disse que iria mudar o suficiente para deixar de odiar o Mason.

— Talvez devesSES trocar alguns daqueles romances escaldantes por livros de autoajuda.

Semicerro os olhos.

— Acabas um curso de línguas e literaturas e achas logo que já estás habilitado para fazer recomendações de livros?

— Tens razão, Roberts. É melhor calar-me.

O adeus está a pairar no ar, mas não consigo forçar-me a dizê-lo.

— Depois contas-me como correu o recrutamento, certo?

Beijando-me a testa pela última vez, o Ryan anui com a cabeça.

— Claro que sim. Porta-te bem.

— Não me porto sempre bem?

— Nunca, literalmente — ri-se. — O problema é esse.

A Emilia vem ao meu encontro enquanto saio do *Uber*, com aquela cara-de-quem-não-está-impressionada, que eu tão bem conheço e adoro.

— Estás atrasada.

É difícil sentirmo-nos intimidados por ela, quando tem um ar tão angelical. Os seus caracóis castanho-claros estão entrançados em forma de auréola, e tanto a ponta do seu nariz como as faces ainda estão coradas devido ao escaldão que apanhou ontem, por ter adormecido no nosso jardim. O resto dela continua a ter o seu tom normal, um branco fantasmagórico, pelo que não sei como foi que conseguiu queimar apenas a cara. Algo a que não vou aludir neste momento.

— Será que ajuda se eu te disser como és bonita?

Pelos vistos, não ajuda, e perco-a de vista assim que entramos em casa dos jogadores de hóquei e passamos por aquilo que parecem ser fotos em tamanho real da equipa de hóquei, recortadas em cartão.

Não é habitual irmos a estas festas, apesar de serem famosas no *campus*, porque a Emilia prefere eventos que acabem antes da meia-noite e eu dou preferência ao basquetebol, mas o JJ, um dos seus amigos da associação de LGBTQIA+, vai mudar-se para o Norte, para jogar hóquei profissional, e ela prometeu que viria despedir-se.

Assim, foi com naturalidade que aceitei acompanhá-la, porque sou uma ótima amiga, e também porque ela me prometeu uma piza vegetariana a caminho de casa, depois da festa. Estou um pouco apreensiva em relação ao facto de o meu atraso poder afetar a sua inclinação para me oferecer uma piza.



Apesar da multidão, a casa é curiosamente acolhedora, para um sítio onde vivem jogadores de hóquei universitários. Há fotografias emolduradas nas paredes, que mostram um grupo de rapazes e duas raparigas, almofadas de sofá que não parecem ter germes suficientes para começar uma guerra biológica, e, a menos que os meus olhos me enganem, alguém limpou o pó por aqui.

Será aquilo uma base para copos?

Abrindo caminho por entre a multidão, sobretudo perplexa por não sentir os pés colados a um chão pegajoso, mas definitivamente com sede, dirijo-me ao meu sítio preferido em qualquer festa: a cozinha. A enorme ilha central já está cheia de garrafas de bebidas alcoólicas e de refrigerantes semivazias. Os meus olhos passam em revista os armários, tentando adivinhar qual terá os copos.

Trate-se ou não de uma festa, já vi documentários suficientes sobre o mar para não voltar a usar copos de plástico. Dou uma espreitadela furtiva a um dos armários, mas não encontro nada além de copos de *shot*.

Literalmente.

Não há mais nada neste armário de cozinha além de copos de *shot*.

O segundo armário tem taças, e, no momento em que estou prestes a descobrir se à terceira é de vez, alguém aclara a garganta ao meu lado.

— És uma assaltante de casas?

Olhando para lá da porta do armário, sabendo que a minha cara está vermelha como um tomate, examino o tipo que acabou de me apanhar em flagrante. Eu tenho um metro e setenta, e fico ainda mais alta com os meus *stilettos*, mas, ainda assim, ele consegue ultrapassar-me. Contudo, há algo nele que não intimida. Os bíceps estão a tentar fugir-lhe para fora das mangas da *t-shirt* preta, cujo tecido se estica sobre o peito largo. Mas as suas feições são suaves, e há apenas um vestígio de barba por fazer ao longo do maxilar; é como se a delicadeza do seu rosto não batesse certo com o resto do corpo. O cabelo castanho-claro está modelado de forma a afastar-se da cara, e, quando finalmente me detenho neles, os seus olhos azul-safira fitam-me, com qualquer coisa indecisa mas intrigante a nadar em si.

Acho que nunca conheci um tipo giro de uma forma tão embaraçosa. Esboço-lhe o meu sorriso mais inocente.

— Ainda conta como roubo se eu não abandonar o local do crime?

— Bolas, eu sabia que devia ter estudado Direito. — O seu lábio curva-se no canto, com as covinhas a aparecerem junto à boca, enquanto se esforça por não dar uma gargalhada. — Acho que roubar é levar algo que não nos pertence.

— E se o dono nunca descobrir?

— Bem, se o proprietário nunca descobrir, então isso não passa de negligência da sua parte — diz ele, esfregando a nuca com uma mão. Tento continuar a olhar para o seu rosto, e não para os braços musculados, mas fraquejo. — De que é que estás à procura?

Ele dá um passo na minha direção, com um cheiro forte a sândalo e a baunilha a emanarem até mim. Com a mão, pressiona a porta a que eu ainda estou agarrada, fechando-a suavemente.

De que é que estou à procura?

— Copos.

— Só há de plástico, desculpa.

— Sabes a quantidade de plástico que acaba no mar? Ninguém que aqui mora sabe, pelos vistos. — Esta é a conversa mais comprida que alguma vez tive sobre copos. Talvez seja a conversa mais comprida que alguém alguma vez teve sobre copos, mas dou por mim a pensar noutros utensílios de cozinha que posso trazer à baila para manter o diálogo vivo.

— Então, este crime é em prol dos tubarões?

— Bom, não apenas os tubarões. Os peixes, as tartarugas e as baleias também estão incluídos. — Os seus olhos fecham-se, enquanto ele luta contra um sorriso, abanando a cabeça. — Talvez um polvo ou dois. As minhas boas ações não discriminam.

Reabre os olhos, e a sua mão demora-se na porta do armário durante mais alguns segundos, antes de me contornar e se dirigir até ao armário número seis; abre-o e mostra-me prateleiras com vários copos desirmanados.

— Não atires o copo a ninguém, caso contrário estaremos ambos em sarilhos.

Pondo-me em bicos de pés, agarro num copo com o emblema de Maple Hills e tiro outro para a Emilia, que diz: *Os meus amigos foram à marcha pride de LA e só me trouxeram este copo.*

— Deste com eles num instante. Já tinhas assaltado esta casa antes? — Pára de falar, Aurora.

Pouso-os na bancada, pego na garrafa de bebida alcoólica mais próxima e despejo o seu conteúdo naquilo a que chamo os meus «copos da vitória». O estranho prestável ri-se e abre uma garrafa de refrigerante, fazendo-a deslizar na minha direção. Ele espera até eu estar prestes a despejá-la para me responder.

— Não, eu moro aqui.

Oh, merda. As palavras dele apanham-me desprevenida, e a garrafa de refrigerante falha a borda do copo, cobrindo a bancada com um líquido efervescente e pegajoso. Merda a dobrar.

— Desculpa, desculpa, desculpa!

Ainda antes de eu poder reagir, ele já está a limpar com um pano de cozinha a porcaria que eu fiz.

— Desc...

— Não te preocupes — diz ele com gentileza, interrompendo-me antes que eu possa voltar a pedir desculpa. — É só refrigerante. Chega-te mais para ali, para não te molhares.

Faço o que me manda e vejo-o puxar de um *spray* desinfetante e limpar corretamente a bancada, entre as pessoas bêbedas e distraídas que ainda ali estão, a tentar preparar as suas bebidas. Quando acaba, pega na garrafa de refrigerante e enche com cuidado os dois copos, entregando-mos.

— Então és tu quem limpa o pó — murmuro.

— O quê?

— Nada. Obrigada. E desculpa mais uma vez.

Ele encosta-se à bancada.

— Estás a pedir desculpa por teres infringido a regra de não mexer nos nossos armários ou por teres sujado a cozinha?

Cruzo os braços sobre o peito e comprimo os lábios, em ar de troça.

— Não vi nenhum letreiro com regras.

Desta vez, ele ri-se a sério. Um estrondo que vem do fundo do seu peito e parece genuíno. Reparo na forma como me observa, tirando-me discretamente as medidas. A sua atenção faz-me vibrar o corpo, e fico de imediato com vontade de mais.

— Não me pareces o tipo de rapariga que prestaria atenção a um letreiro, mesmo que houvesse.

— E então porquê? — É uma pergunta traiçoeira. Eu sei. Ele sabe. Os outros tipos, que estão ali perto a tentar ouvir a conversa e que eu presumo serem os seus colegas de equipa, também o sabem. — Responde com cuidado, temos público.

Ele junta as sobrancelhas e volta-se, para ver quem está atrás de si. Quando se vira novamente para mim, reparo que as pontas das suas orelhas ficaram cor-de-rosa. Os nossos espectadores apressam-se a sair dali, mas é o suficiente para dar cabo da autoconfiança ao rapaz. A sua timidez súbita entenece-me. Estou habituada a que se atirem a mim, mas acho que nunca ninguém corou à minha frente. Quero descobrir com que primeira impressão ficou de mim. Quero que continue a olhar para mim como estava a fazer há poucos segundos. Quero estrafegar os seus amigos.

Estou quase a pedir-lhe que o faça, quando uma mão quente pousa no meu braço, e a Emilia aparece por trás de mim.

— Estou cheia de sede. — Ela olha para o Sr. Prestável e para mim e sorri-lhe.

— Olá, sou a Emilia.

Ele reage com um aceno de cabeça cortês.

— Olá, prazer em conhecer-te. Sou o Russ.

— És o Russ do Jaiden? — pergunta ela, pegando na sua bebida, e revira os olhos na minha direção quando lê a frase no copo.

Ele parece quase acanhado ao aperceber-se do que a Emilia acabou de dizer. Porque é que é tão giro?

— Ahm, sim. Acho que sim. Não me parece que o JJ conheça mais alguém chamado Russ.

Ele volta a esfregar a nuca, com a bainha da *t-shirt* a revelar uma pequeníssima lasca de pele bronzeada, e o meu cérebro excitado entra um bocadinho em curto-circuito.

— Sou a Aurora — digo, de forma quase agressiva.

A Emilia vira-se para mim, um pouco confusa e envergonhada por minha causa. Opto por ignorá-la e dou um gole na minha bebida, deixando que o ardor da vodka abafe as picadas da humilhação. Quando baixo o copo e volto a vê-lo, os olhos do Russ estão fixos em mim.

As suas covinhas aparecem novamente.

A Emilia aclara a garganta, e obrigo-me a olhar para ela. Fita-me com cara de quem me vai fazer pagar por isto mais tarde.

— Vim à tua procura para te dizer que vai começar uma partida de Jenga alcoólico na sala, se quiseres participar.

— Jenga alcoólico?

— Eles escreveram desafios em algumas peças — explica o Russ.

— O Robbie e o JJ gostam de tornar as coisas interessantes.

Na brincadeira, a Emilia faz uns estalidos com a língua, como que a censurá-los.

— Estava mesmo a ver que ele ia estar envolvido nisso. Sabe-se lá que desafios serão esses. Rory, vemo-nos lá dentro?

Faço que sim com a cabeça, e ela vai-se embora, deixando-me com o meu novo amigo.

— *Quão* interessantes?

Os seus lábios voltam a encurvar-se nos cantos, e, Deus do céu, não há motivo algum para eu querer curtir com alguém por causa da forma como os seus lábios se curvam para cima, mas o modo como ele oscila entre a autoconfiança e a hesitação está a afetar-me.

O Russ bebe um longo gole da sua cerveja enquanto reflete sobre a minha pergunta, e eu limito-me a esperar. Devia ter mais vergonha de ficar descaradamente à espera de que um rapaz me responda, mas este é giro e um pouco desajeitado, e essas preocupações parecem ser um problema para o meu futuro terapeuta.

— Porque é que não vens comigo e descobres?